

# Cada secretário vê um país diferente

São Paulo — Um acha que “o país se administra sozinho”; o outro, que não há condições de gerir a economia nacional porque ninguém sabe como funciona a máquina administrativa, ao mesmo tempo em que se avolumam os problemas ligados à corrupção, à falta de comunicação e à incompetência. Henri Philipe Reichstul e Francisco Vidal Luna, ambos ex-secretários do Ministério do Planejamento, divergem de opinião também quanto ao destino do país.

Para Reichstul (ex-assessora e agora sócio numa empresa de consultoria e, futuramente, num banco de negócios e uma distribuidora de valores com o ex-ministro João Sayad), não tem qualquer importância que Brasília não consiga definir uma política econômica, por exemplo: o Brasil segue inexoravelmente seu processo de desenvolvimento. “O Brasil tem vocação para América”, diz o ex-secretário, “e vai em frente, independentemente do que ocorra no governo”.

Já Vidal Luna não acredita que haja qualquer perspectiva favorável para o país enquanto persistir justamente a divergência de opiniões e de estilos entre escalões do governo, num país onde, segundo ele, os problemas estruturais se sobrepõem aos conjunturais. Ainda de acordo com o ex-secretário, algumas decisões se tornam impraticáveis, depois de exaustivamente elaboradas, simplesmente porque os órgãos encarregados da execução não têm condições de fazê-lo. Um dos episódios recentes, o congelamento de preços, que tornou a desaparelhada Sunab um dos órgãos mais importante do Brasil, é, segundo Vidal Luna, o maior exemplo dessa situação.

Vidal, hoje dividindo um escritório de consultoria também com Sayad, considera a demora no cumprimento de decisões um dos maiores problemas enfrentados pelo governo e pelo país, e atribui isso à fragilidade e instabilidade do governo.

— Quando o governo está forte e estável, tudo funciona melhor — diz. — Mas o poder de fazer, segurar e decidir fica menor quando é menor o poder do governo e dos ministros. — Para ele, a máquina administrativa está funcionando como se o atual governo estivesse no fim.

Para Henri-Philipe, que não é partidário da tese segundo a qual o Brasil é impossível de ser administrado, a confusão política e econômica vivida hoje pelos brasileiros é decorrência da fase de transição, “o que é um fato perfeitamente natural”.

Ele diz que a alegação de que o Brasil é inadministrável é apenas um mito, igual ao da indolência do brasileiro, que, diz ele, há muito “caiu por terra”. Quanto às

Arquivo — 27/06/85



**Reichstul**

crises, “as confusões provocadas por políticos e burocratas do poder não passam de anedotas”, garante, “cujo humor rapidamente se esvai nas conversas de bar ou reuniões de amigos”.

— A crise permanente do Brasil — afirma — é típica de um país que está se desenvolvendo rapidamente.